

# O cinema ao serviço da educação: A experiência das escolas de ensino básico e secundário no Algarve\*

Ana Catarina Pereira<sup>†</sup>

## Índice

1	O surgimento do projecto . . . . .	3
2	As actividades com os alunos . . . . .	5
3	Metas a atingir . . . . .	6
4	Os filmes seleccionados . . . . .	7
	Referências Bibliográficas . . . . .	8
	Anexo . . . . .	9

## Resumo

“Primeiro estranha-se, depois entranha-se”. Assim se poderia definir, recorrendo a Fernando Pessoa, o primeiro contacto de uma criança ou adolescente com o cinema que não faz parte do circuito comercial. Preparar o espectador para a visualização de obras que requerem uma análise cuidada e uma interpretação profunda é o papel dos professores que, de alguma forma, influenciam a vida e os gostos daqueles com quem contactam. À necessidade de formação destes profissionais

---

\*O presente artigo foi primeiramente publicado na revista Comunicação & Educação – revista do curso Gestão da Comunicação do departamento de Comunicação e Artes da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo – Ano XVI – n. 1 Jan./Jun. 2011.

<sup>†</sup>Doutoranda em Ciências da Comunicação – Universidade da Beira Interior. E-mail: anacatarinapereira4@gmail.com

associa-se a dificuldade de transposição de burocracias e preconceitos instituídos que continuam a condicionar a introdução do cinema nos programas de ensino básico e secundário. No Algarve, a região mais a sul de Portugal Continental, o projecto *Juventude Cinema Escola*, coordenado por Graça Lobo, adquiriu uma notoriedade e seriedade contracorrentes.

**Palavras-chave:** cinema, educação, espectador, programa JCE, análise crítica.

“I believe that the motion picture is destined to revolutionize our educational system and that in a few years it will supplant largely, if not entirely, the use of textbooks. I should say that on the average we get about two percent efficiency out of school books as they are written today. The education of the future, as I see it, will be conducted through the medium of the motion picture... where it should be possible to obtain one hundred percent efficiency.” – Thomas Edison (in Cuban, 1986: 9)

**A** DEFESA DA INTRODUÇÃO de programas de análise e produção cinematográfica nos períodos de escolaridade obrigatória é uma causa antiga, que conhece um crescente número de adeptos em Portugal. Para além do cultivo e refinamento do olhar de jovens espectadores, a introdução de novas metodologias de ensino associadas aos audiovisuais poderá ainda comportar outras vantagens. Entre elas, referimos a pressão sobre distribuidores para que outros tipos de cinema cheguem às salas comerciais, bem como um maior interesse dos espectadores por um cinema de autor que contraria a lógica dos meios de comunicação contemporâneos, a profusão de imagens por segundo e os hipnotizantes efeitos especiais que reservam pouco espaço à introspecção.

Na opinião de José Luís Tornel Sala, um sistema educativo que procure descodificar e analisar criticamente os discursos audiovisuais (tanto do cinema como da televisão) deve ser prioritário para o Estado, de tal forma que, afirma, “los poderes públicos debieran ser capaces de potenciar el conocimiento profundo del lenguaje fílmico en el alumnado, porque sólo la aprehensión de este tipo de conceptos, en una sociedad mediatizada como nunca por los mass-media, por el poder e influjo de la imagen, deviene esencial para conseguir ciudadanos críticos,

no fácilmente manipulables ideológica, actitudinal y conductalmente.” (in Tornel, J. L., 2007: 274)

O autor defende assim, tal como outros autores que enumera (Saturnino de la Torre e Avelina Escudero), que o cinema, de uma perspectiva formativa, é capaz de transmitir valores culturais, sociais e educativos que potenciam o desenvolvimento humano e a melhoria do comportamento social.

Consciente do importante papel dos educadores neste ciclo, Graça Lobo concebeu um projecto que começou por aplicar, em termos práticos, no distrito de Faro – Portugal. O seu objectivo inicial consistiu em levar o cinema às escolas da região; fazer as crianças vibrarem com a magia da sétima arte, fascinarem-se pelos filmes de Chaplin e Godard, ou mesmo interessarem-se por cinema português. Passado pouco tempo, pôs mãos à obra e reuniu as ferramentas necessárias para concretizar o objectivo. Actualmente, vários estabelecimentos de ensino, dos mais cosmopolitas aos do interior serrano, aderiram ao programa *Juventude Cinema Escola* que foi crescendo e tomando proporções inesperadas.

## **1 O surgimento do projecto**

Para conhecermos melhor este programa, consideramos importante desvendar os principais passos do percurso profissional de Graça Lobo. Em 1980 licenciou-se em História, pela Faculdade de Letras de Lisboa, tendo começado por dar aulas no ensino secundário. Mais tarde, participou em programas de formação para professores, iniciando desta forma novos projectos que a levariam a abandonar o ensino tradicional. Já em 2008 aceitou o convite para ser técnica superiora da Direcção Regional de Educação do Algarve (DREALG), função que ainda hoje desempenha. Sendo mestre em Gestão Cultural pela Universidade do Algarve (em parceria com a Universidade Paris 8), iniciou este ano o doutoramento na mesma área.

A ideia de levar o cinema às escolas surgiu precisamente do facto de Graça Lobo ter sido professora do ensino secundário durante cerca de 20 anos. Pela experiência acumulada, acabaria por constatar que o cinema entrou na sala de aula, sobretudo a partir da década de 90, de uma forma que classifica como meramente instrumental. Segundo

a própria, os professores passaram então a utilizar alguns filmes como complemento dos conteúdos programáticos, principalmente nas disciplinas de História e Filosofia. Por outro lado, e em paralelo com a sua actividade como professora, Graça Lobo esteve sempre associada às iniciativas promovidas pelo Cineclube de Faro, pelo que pensou em criar um programa que permitisse que os alunos tivessem uma relação mais estreita com a sétima arte. Na sua opinião, era importante que os estudantes do ensino básico e secundário pudessem conhecer a linguagem do cinema e que isso lhes permitisse ter outra visão do mundo.

A concretização dos planos viria a suceder-se em meados da década de 90 e de uma forma relativamente rápida, quando frequentava o mestrado em Gestão Cultural e, simultaneamente, realizava um estágio em Paris. Teve então um primeiro contacto com o programa francês *Escolas ao Cinema*, sendo que, mais tarde, estagiou também na Cinemateca Portuguesa. Todo este percurso levou-a a apresentar a proposta de criar um programa didáctico de cinema à Direcção Regional de Educação do Algarve. O director regional, que era então António Pina, aderiu imediatamente e, no ano escolar de 1997/98, iniciaram uma experiência piloto: foram programadas algumas sessões e realizado um estudo da adesão dos professores ao projecto. Segundo Graça Lobo, constatou-se que havia um grande interesse por parte destes, embora a maioria tivesse admitido que não tinham qualquer tipo de formação na área.

No ano lectivo seguinte, o programa arrancou oficialmente, com a prévia realização de sessões formativas e de esclarecimento para os professores. Em seguida, os principais intervenientes neste projecto perceberam que, para que o trabalho tivesse uma lógica e um significado contundentes, não bastava conduzir os alunos, pontualmente, a uma sala de cinema: “Tudo isto tinha que ter uma estrutura mais sequencial” (Pereira, 2010), afirma Graça Lobo que, em parceria com a colega Anabela Moutinho, procurou aprofundar o programa.

De início, e sendo que a técnica superior da DREALG já conhecia programas semelhantes que tinham sido implementados noutros países do mundo, tentou adaptar-se o modelo pré-existente ao Algarve, “com marcas pessoais e jogando com os constrangimentos que existem em Portugal, sobretudo ao nível da exibição de filmes”. Segundo afirma, foram então contactados distribuidoras e exibidores, bem como as res-

tantes valências necessárias ao arranque do projecto: “No fundo, criámos uma *rede de cumplicidades*”. Financeiramente, o projecto foi apoiado pelo Instituto do Cinema e do Audiovisual (ICA) desde o ano lectivo 1998/99, embora nos últimos três anos tal já não tenha sido possível, por alterações legislativas recentemente produzidas. Durante o ano lectivo de 2000/2001 foram também apoiados pela Fundação Calouste Gulbenkian.

## **2 As actividades com os alunos**

Depois de visualizarem o filme, os alunos preenchem uma ficha. Mais tarde, durante uma aula, fazem uma espécie de “correção” dessa ficha, com uma montagem em DVD, para aclarar os conhecimentos: “Imaginemos, por exemplo, que queremos que eles compreendam o conceito de ‘grande plano’; nessa montagem voltamos a mostrar onde estava e para que foi utilizado. Tudo isto é feito de uma forma sequencial e gradativa, dos conceitos elementares para os mais complexos”, explica Graça Lobo.

No final do ano, todos os alunos têm uma ficha sumativa de aquisição de conhecimentos, e uma ficha qualitativa, para que os professores percebam o que acharam do programa, quais os filmes de que mais gostaram e se pretendem ou não prosseguir para o próximo nível. Segundo a técnica superiora da DREALG, em geral, há uma percentagem absolutamente residual de alunos que respondem negativamente. Todos os outros passam para o nível seguinte.

Muito para além destas fichas, os jovens estudantes fazem também outro tipo de trabalhos sobre os filmes que viram: em alguns casos chegam mesmo a realizar pequenos filmes que são avaliados por um júri e premiados nas festas de final do ano lectivo. Também podem apresentar outro tipo de participações, como coreografias, peças de teatro ou momentos musicais. Jogam muitas vezes um *quiz show* que se chama “A febre do cinema”, com uma equipa de cada escola, o que, segundo Graça Lobo, é sempre muito divertido e dinâmico. Nos últimos dois anos, têm sido desenvolvidas mais duas iniciativas que obtiveram bastante adesão: uma delas chama-se “Vou levar os meus pais ao cinema”, o que inverte os papéis tradicionais; e a outra foi denominada “Ver para ler”, desenvolvida em parceria com a rede de bibliotecas esco-

lares, tendo como objectivo trabalhar a ligação íntima entre cinema e literatura. O objectivo é simplesmente o de “ler mais”: mais imagens e mais livros.

### 3 Metas a atingir

Em termos gerais, o programa JCE apresenta os seguintes objectivos:

- Testar a Capacidade de observação.
- Implementar a análise dos filmes.
- Conhecer a linguagem, técnica e história do cinema.
- Promover a avaliação dos filmes.
- Reconhecer o cinema como meio de comunicação.
- Problematizar o cinema como expressão artística.
- Promover a interdisciplinaridade e o trabalho de projecto.

Em termos técnicos, o JCE traduz-se no ensino sistemático e sequencial de um programa de conteúdos temáticos (abordáveis em várias disciplinas) e cinematográficos (linguagem, técnicas, história, profissões), num curso de cinco níveis para escolas EB (do 5º ao 9º anos de escolaridade) e num curso de três níveis para escolas secundárias (do 10º ao 12º anos de escolaridade), a leccionar a partir dos filmes visionados (quatro sessões por ano lectivo).<sup>1</sup>

As escolas interessadas no programa realizam as candidaturas no início de cada ano escolar, na pessoa dos próprios professores que, sem excepções à regra, poderão ser de qualquer disciplina. Os filmes, por sua vez, devem ser trabalhados de uma forma interdisciplinar, como na Área de Projecto, por exemplo. Como garante Graça Lobo, não há nenhum constrangimento em envolver, por exemplo, o professor de Educação Física: “Já tivemos alguns, embora reconheçamos que a maioria, no segundo e terceiro ciclos, são de Português, História e Educação Visual. Já no ensino secundário, o programa é habitualmente impulsionado pelos professores de Filosofia, História de Arte ou de disciplinas relacionadas com as novas tecnologias”.

<sup>1</sup> Informação disponível no site da DREALG: [www.drealg.min-edu.pt](http://www.drealg.min-edu.pt).

## 4 Os filmes seleccionados

Os filmes são escolhidos tendo em conta o nível etário dos alunos, embora se procure excluir aqueles que provavelmente já foram vistos em casa – na televisão, em DVD, ou noutros formatos. Por esta razão, são normalmente evitados filmes de proveniência norte-americana (a não ser que sejam, de alguma forma, alternativos).

Neste aspecto, uma das expectativas de Graça Lobo é que as crianças e adolescentes venham a ter um papel mais activo na sociedade, contrariando a lógica da distribuição. E isto traduz-se em exemplos concretos, já que recorda com especial carinho um dos dias em que, estando a dar uma aula em Lagos, tentava explicar aos alunos como funcionam as distribuidoras em Portugal. Ao abrirem o jornal para ver os filmes que estavam a passar nas salas de cinema mais próximas, rapidamente concluíram que apenas eram exibidos filmes norte-americanos, até que começaram a questionar: “Professora, o que é que nós podemos fazer para ver outros filmes? Estamos fartos de ver sempre as mesmas coisas!”

A cada nível escolar corresponde um filme que faz parte da história do cinema. Estes são, segundo Graça Lobo, os mais difíceis de escolher, por já não se encontrarem disponíveis em película. Dentro das escassas possibilidades existentes, os alunos assistem, no quinto ano, ao clássico *Há festa na aldeia* (Jacques Tati – 1949); no sexto ano vêem o *Serenata à chuva* (Gene Kelly e Stanley Donen – 1952); no sétimo ano é exibido o *Cinema Paraíso* (Giuseppe Tornatore – 1988); no oitavo, os *Tempos modernos* (Charlie Chaplin – 1936) e no nono ano, *O grande ditador* (Charlie Chaplin – 1940). No décimo ano é exibido o *Couraçado Potemkin* (Sergei Eisenstein – 1925), embora pensem em mudar, uma vez que foi detectado uma certa dificuldade de recepção por parte dos alunos. No 11º ano passam o *Psycho* (Alfred Hitchcock – 1960) e no 12º *O acochado* (Jean-Luc Godard – 1960).

Por outro lado, tendo estes alunos idades particularmente marcantes em termos de construção e assimilação de valores, é também notável uma preocupação com a mensagem social que os filmes transmitem. Como afirma Graça Lobo, os objectivos do programa são claros ao nível social e afectivo: “Há um conjunto de filmes que espelham esses valores, como o *Billy Elliot* (Stephen Daldry – 2000), em que se trabalha

a tolerância e o preconceito. Outro filme que os alunos adoram é *A vida é bela* (Roberto Benigni – 1997), e que muitas vezes os leva a ler o próprio *Diário de Anne Frank*. Eles são particularmente sensíveis às questões da guerra e da paz – *O grande ditador*, por exemplo, também permite este tipo de reflexão.”

Para além destas, existem outras sessões: “Os filmes que eles vêem na sala de cinema são estes, mas depois nós sugerimos muitos outros que complementam os temas, e que eles podem ver na escola em formato DVD”, acrescenta Graça Lobo. Em muitas escolas já se formaram clubes de cinema que exibem filmes à quarta-feira à tarde. Para além das inúmeras vantagens já enunciadas, esta parece ser também uma forma de angariar espectadores para o cinema português: “O nosso intuito é sempre inverter aquelas ideias estereotipadas sobre cinema português, mostrando a sua diversidade. Nós passamos muitas curtas-metragens e animações de realizadores nacionais. Muitas vezes, podemos mesmo contar com a presença dos próprios, que falam com os alunos.”, sublinha a coordenadora do programa.

Em jeito de conclusão, o balanço que faz destes 12 anos de cinema nas escolas algarvias não poderia ser mais positivo. A equipa coordenada por Graça Lobo já trabalhou com 60 das 67 escolas públicas da região, o que envolve 25 mil estudantes e 1250 professores. Muitos deles fazem hoje parte do movimento cineclubista, ou frequentam licenciaturas e mestrados de cinema. Apesar de satisfeita com os resultados, Graça Lobo começou já a traçar novas metas, procurando estender o programa a todo o país. O slogan que apregoa, e que deu mote à concretização deste sonho, parece assim estar a difundir-se: “Ver, aprender e amar cinema”. Como, novamente, Thomas Edison fez questão de afirmar: “We can teach almost anything with motion pictures.” (Wise, 1939: 1)

## Referências Bibliográficas

Cuban, Larry (1986). *Teachers and machines*. Teachers College Press. New York.

Wise, Harry A (1939). *Motion pictures as an aid in teaching American History*, Yale University Press. New Haven.



Lobo, Graça (2005). *Por dentro do filme – o cinema na sala de aula*.  
[www.bocc.ubi.pt](http://www.bocc.ubi.pt).

Sala, José Luis Tornel (2007). *Cine formativo mediante enseñanza por tareas: milagro en Milan*. Revista Escuela Abierta, nº 10, CEU – Fundación San Pablo – Andalucía,  
<http://www.ceuandalucia.com/escuelaabierta/ea10.htm>.

Site da Direcção Regional de Educação do Algarve: <http://www.drealg.min-edu.pt/>.

## Anexo

Para que melhor se perceba o funcionalmente deste programa, mostramos-lhe a organização esquemática do programa JCE, também disponível no site da DREALG.

Programa JCE - Juventude-Cinema-Escola - Linhas de Acção

